

O CORPO D'ANA COMO LUGAR TEOLÓGICO: DEUS E SENSIBILIDADE EM ÉRICO VERÍSSIMO

José Sebastião Gonçalves
Doutorando em teologia (FAJE)
E-mail: sebasgarajau@gmail.com

Resumo:

O romance "Ana Terra" diz respeito à narrativa introdutória do Continente, a primeira parte da trilogia o Tempo e o Vento de Erico Veríssimo. Apesar de ser classificado como uma narrativa histórica-política, nesta oportunidade lançamos outro olhar sobre o texto que consideramos também rico em seu simbolismo carregado de sensibilidade e religiosidade. O corpo d'Ana Terra será nosso guia nestas veredas onde o tempo e o vento escavam o mais profundo da carne desta mulher a fim de nos revelar o que há de mais belo e de mais sombrio nesta pobre existência marcada pela guerra e pela espera. Primeiro faremos uma leitura dos principais elementos simbólicos tais como dos personagens principais, buscando deixar emergir toda erotividade bem como toda sensibilidade desta magnífica narrativa. Depois, unindo esta simbólica ao corpo d' Ana, buscaremos dar uma significação teológica para alguns elementos que parecem formar a tecitura desta trama. Apesar do paralelo bíblico que consideramos ser principal entre Eclesiastes 1, 1-6 e a narrativa do romancista, não advogamos nenhuma intencionalidade teológica no autor. Porém, parece-nos conveniente afirmar que sua narrativa, principalmente no que diz respeito à história de Ana, do seu corpo, suas dores e prazeres, oferecem rico terreno para pensar a relação entre corpo, sensibilidade e Deus.

Palavras-chave: Corpo; sensibilidade; Deus; narrativa; simbólico.

Introdução

O romance "Ana Terra" diz respeito à narrativa introdutória do Continente, a primeira parte da trilogia de "O Tempo e o Vento" de Erico Veríssimo. O contexto narrativo se refere ao início do romance histórico-político que conta a gênese do povo gaúcho. Carregada de simbolismo político, o romance "O tempo e o vento" tem se destacado como uma verdadeira obra prima da literatura brasileira. Contudo, nesta oportunidade, ousamos lançar outro olhar para esta narrativa que consideramos também rica em seu simbolismo carregado de sensibilidade e religiosidade. O corpo d'Ana Terra será nosso guia nestas veredas onde o tempo e o vento escavam o mais profundo da carne desta mulher a fim de nos revelar o que há de mais belo e de mais sombrio nesta pobre existência marcada pela guerra e pela espera.

Num primeiro momento, realizar-se-á uma leitura dos principais elementos simbólicos tais como dos personagens principais, buscando deixar emergir toda

eroticidade bem como toda sensibilidade da narrativa. Num segundo passo, unindo esta simbólica ao Corpo d'Ana, buscaremos atrevidamente, dar uma significação teológica para alguns elementos que parecem formar a tessitura desta trama. Resta-nos ainda dizer que apesar do paralelo bíblico que consideramos ser principal entre Eclesiastes (1, 1-6) e a narrativa do romancista em relação ao tempo e à fugacidade do mesmo, não advogamos nenhuma intencionalidade teológica no autor. Porém, parece-nos conveniente afirmar que sua narrativa, principalmente no que diz respeito à história de Ana, do seu corpo, suas dores e prazeres, oferecem rico terreno para pensar a relação entre corpo, sensibilidade e Deus. Bem vindos a bordo!

1 O tempo, o vento, a terra e a espera: a simbólica de Ana terra

No romance em questão, embora evidente, a forte relação dos homens com a terra não é denominada especificamente como maternal. O corpo da terra aparece como o corpo das mulheres, representado em Ana Terra, como um corpo a ser explorado, possuído, cultivado e sugado. Perguntamo-nos até que ponto a violência sexual praticada contra Ana Terra se separa da violência constante praticada contra a mãe das mães (VERÍSSIMO, 1994, p. 95), a terra, ou como dizem os andinos a *Pachamama*. O único que respeita o corpo de Ana Terra é Pedro Missionario, um mestiço de "*sabe-se lá o que*" com um índio. O índio ama literalmente a Terra, chama-a de 'rosa mística', esta relação poderá ser retomada em toda sua riqueza no tópico que segue. Por agora, importa-nos dizer que intuimos que o romance de E. Veríssimo possui um tripé narrativo composto pelo Tempo, o Vento e um terceiro elemento. A Terra juntamente com o tempo e o vento forma, a nosso ver, o tripé narrativo em torno do qual os outros elementos se juntam. O nome da personagem principal (Ana Terra) já revela como esta relação é fundamental. A espera pode ser classificada como o centro de gravidade que equilibra este tripé narrativo.

A trama de Veríssimo é rica e densa, sua simbólica vai aparecendo a cada introdução dos personagens. Ana Terra é filha de Maneco Terra e D. Henriqueta, e vive num descampado em território, hoje gaúcho. Vive uma vida modesta de trabalho junto aos pais e seus dois irmãos Horácio e Antônio. Havia um terceiro "Lucinho", mas este morrera picado de cobra. O ambiente do romance é a longa briga entre Castelhanos e Portugueses pelas terras do continente. E o autor data o início da história como sendo algo por volta dos 1777. Descreveremos brevemente apenas alguns elementos centrais dos principais personagens.

Começamos com o patriarca, um homem rígido e trabalhador, que possui relação mais forte com a terra e a casa do que com a Pátria. Por isso dirá diante da possibilidade de mandar um filho para guerra: "*Pátria é a casa da gente*" (*Ibid.* p. 12.). Não sorria para a família, mas se alegrava com os frutos da terra. Talvez o nascer do trigo do seio da terra provocasse alegria que sublimasse a tristeza da honra perdida. Honra perdida que se refere ao filho que fora implantado no seio da outra Terra, o seio d'Ana Terra. Antônio e Horácio seguem o estereótipo do pai. Deles não há muito que falar. Dona Henriqueta aparece como a matriarca submissa que faz em tudo o gosto do marido. Ela sofre de forma resignada as dores da família, sua sina é o trabalho diário representado pela roca e a tesoura (*Ibid.*, p. 68). Ela trabalha sem parar e mesmo depois de morta volta ao lar para fiar (*Ibid.* p. 80). D. Henriqueta condensa em si a trágica história das mulheres que povoaram este continente junto com os maridos, "seus senhores". A sina de trabalhar e esperar representa o par amargo unido pela dor e o chorar. Elas choram pelos filhos que morrem nas guerras e esperam o trigo nascer, o vento parar, o marido acalmar e a morte chegar.

Antes de falar do corpo d'Ana. É importante introduzir outro personagem elementar nesta trama. Trata-se de Pedro Missioneiro. Numa tarde Ana encontra o corpo do homem mestiço de Índio com outra raça, deitado à beira da saga. Amedrontada ela chama os homens da família que o conduz ao rancho salvando-lhe a vida. O sentimento inicial que perpassa toda família é o medo e a insegurança. O índio permanece com a família e é aceito pela sua utilidade. Em relação a Pedro, Ana sempre nutria sentimentos ambíguos. Existe entre os dois todo um jogo erótico narrado com sutileza e maestria por Veríssimo. Pedro sabe encantar com a música e outras artes. Era um homem diferenciado que parecia saber ler, escrever e contar histórias, dentre outras coisas. O nome de Deus e da Virgem sempre estava em seus lábios. E a presença dos padres jesuítas estava encarnada em sua vida até mesmo em seu apelido "missioneiro". Ele intrigava toda gente e aos poucos atraía Ana como um imã. Existe algo de místico e ao mesmo tempo misterioso em Pedro. Ele fala como que em sinais, existiria algo de apocalíptico em sua linguagem? Ele prevê, por exemplo, a própria morte, chama Ana de Rosa mística, aparentemente uma invocação à Virgem Maria, e aparenta ter uma relação com o transcendente que parece incomodar os homens (*Ibid.* p. 60). O fruto da relação entre Ana e Pedro é Pedrinho. Pedro terra aparece no início da segunda narrativa do

continente, será o pai de Bibiana, que haverá de desposar "Capitão Rodrigo". Mas esta é outra história³⁹.

2 O corpo d'Ana: Deus e sensibilidade em Veríssimo

Apensar da não intencionalidade teológica do autor, colocamos por nossa conta e risco a seguinte questão: o corpo d'Ana Terra se revela acaso como lugar teológico onde podemos encontrar a síntese do tempo e do vento como este mistério da existência humana apontado em Eclesiastes (1, 1-6)? Diz Coélet: "*Vaidade das vaidades, tudo é vaidade*". O que não é vaidade, o que não é passageiro nesta terra onde a sina de fiar e esperar juntamente com o vento marca o ritmo do tempo em seu eterno retorno? A densidade da obra de Verissimo nos salta aos olhos. E desta densidade emerge o corpo d'Ana, sua carne e sensibilidade como lugar de mistério e provocação. Junto a este corpo emerge, a nosso ver, uma simbólica da sensibilidade permeada pelo mistério da vida e de Deus. Vejamos alguns elementos que emergem desta perspectiva.

Em primeiro lugar, parece-nos importante evocar os símbolos que formam como que uma moldura narrativa. A nosso ver todas estas molduras estão intimamente conectado com o mistério do corpo d'Ana. A primeira moldura narrativa e literária a nos chamar a atenção é o "*espelho*". A ideia do espelho como moldura narrativo-literária pode ser encontrada nas pp.10 e 124. É como se este objeto abrisse e fechasse toda a narrativa e a simbólica do corpo desta mulher. Na p. 10 Ana não possui o espelho, a não ser o espelho d'água. Neste início, pode-se notar que ela anseia pelo espelho como um instrumento de estética. Instrumento que faz reluzir uma beleza misteriosa e escondida. Já no final do romance, especificamente na p.124, O objeto outrora desejado se faz presente. Ana possui o espelho, mas a finalidade do instrumento já não é mais a estética. A mulher o utiliza não tanto mais segundo o desejo de contemplar uma beleza escondida, mas o revela como objeto capaz de mostrar o passado:

Examinava-se com cuidado, descobria sempre novos fios brancos de cabelos e às vezes nos seus próprios olhos via os olhos tristonhos da mãe. Espelho é coisa do diabo- concluía. Quem tinha razão era meu pai (*Ibid.* p. 124).

O espelho aparece quase como aquele que traz à tona os fantasmas do passado. Por isso é coisa do diabo. Coisa que divide; coisa que nos divide. Que revela a cisão entre a imagem e o real, entre o desejo e a efetividade daquilo que se é. O espelho neste

³⁹ Dispensamos também aqui a apresentação do Coronel Ricardo Amaral, o fundador de Santa fé, por considerar que a alusão nesta nota de roda pé nos basta.

momento é quase um instrumento cirúrgico que parte o corpo de Ana ao meio. Contudo, ao mesmo tempo, o espelho apresenta-se não somente como diabólico, mas revela também uma simbólica. Isto porque é através do espelho que Ana faz a síntese entre sua vida sofrida e a vida da mulher que a gerou. No espelho duas vidas se unem, ainda que pela dor: "*às vezes nos seus próprios olhos via os olhos tristonhos da mãe*".

O tempo e o vento aparecem também como moldura literária. A narrativa se inicia com uma referência explícita a estes dois elementos: "*Sempre que me acontece alguma coisa importante está ventando*" (*Ibid*, p. 7). E caminhando para o final da história Ana Terra confirma sua tese inicial através do aceno para seu filho Pedro que se encaminha para a guerra. E então depois do aceno ela percebe algo: "*Foi só então que Ana percebeu que estava ventando*" (*Ibid*, p. 127). O vento marca o ritmo do tempo porque marca no corpo d'Ana os acontecimentos. Os eventos acontecem marcados pelo vento no tempo que parece se materializar no corpo d'Ana. Pois é ela que sente o que acontece através do minuano frio a lhe cortar a carne, o corpo. Daqui emerge toda a rica sensibilidade da obra de Erico Veríssimo.

Contudo, a propósito ainda desta questão, parece-nos plausível afirmar que o tempo e o vento, muito mais que uma moldura literária, podem ser considerados como o fio que perpassa toda a trama. O tempo e o vento aparecem como sendo a única coisa que a tesoura de Ana Terra não pode cortar nem encurtar. O tempo do inverno conectado ao vento frio que o caracteriza, o minuano, aparece como tempo longo e tedioso. Tempo de lembranças e de espera. Tempo de sentir. Tempo de fiar (*Ibid*. p. 121). Do ponto de vista teológico, ainda em relação ao tempo e ao vento, parece-nos claro a existência de um paralelo literário entre a concepção apresentada por Ana Terra e aquela vinda de Eclesiastes (1, 1-6). Para ambas narrativas não há nada de novo sobre a terra, tudo é pura monotonia. Vem um dia sobre outro, o sol nasce e se põe, as pessoas nascem e morrem e tudo segue igual (*Ibid*, p 122). Será que a única coisa capaz de inserir algo novo seria a capacidade de sentir? Já que pessoa alguma pode sentir pelo outro, somente o sentir a cada instante marcado pelos corpos em sua diferença possibilita a revelação de uma possível novidade. A sensibilidade se revela sempre aqui como novidade? Isto é nossa principal intuição.

Ao corpo d'Ana Terra outros símbolos se juntam e com ele formam um só corpo. Destacamos nesta oportunidade a "Tesoura". Ela é uma das heranças deixada a Ana pela mãe. É ela que corta os fios da trama que a artesã fia na roca, d'onde faz nascer a manta, os xales, os ponchos. E é ela também quem corta o cordão umbilical que faz nascer todo

homem ou mulher. É ela quem traz à luz do mundo o vivente (*Ibid.* p. 120). A tesoura e Ana formam uma unidade, ambas são responsáveis pelas vidas que passam por aquelas mãos. Ana e a tesoura cortam o fio que dá a vida. Junto com a herança que cabe a Ana está também a Roca de fiar que pertenceu a D. Henriqueta. Este instrumento de onde surgem as mantas e os ponches parece emergir na narrativa como a encarnação do duro destino das mulheres às quais resta somente fiar e esperar. Já nos referimos à triste sina das mulheres no tópico anterior. Uma terceira herança aparece, mas esta não vem diretamente da família de Ana, senão de Pedro Missioneiro. Trata-se do punhal de prata. Esta arma haverá de perpassar o romance como um símbolo de valentia. Mas não nos deteremos sobre ele nesta ocasião.

Importa-nos agora adentrar um pouco mais nos simbolismos eróticos que marcam o corpo d'Ana Terra, e com esta simbólica poder ver emergir toda sensibilidade do corpo da mulher. Já adiantamos que, em nosso ponto de vista, algo de divino aparece nesta sensibilidade. Não é por acaso que a definição teológica por excelência a caracterizar o corpo d'Ana Terra é dada pelo Missioneiro, o único personagem místico e religioso do romance. Ele que sente o calor daquele corpo o chama de Rosa mística.

O corpo d'Ana se revela em toda sua sensibilidade como corpo de mulher que deseja, que espera, que sente, entre outras coisas, a vergonha de sentir. É o corpo de uma camponesa; corpo marcado inicialmente pela sina do trabalho e da moral a ser resguardada. A revelação deste corpo como uma carne que sente se dá de uma forma especial através de outro corpo. O corpo de um estranho radical, a carne de Pedro missioneiro. É interessante notar o jogo erótico que se estabelece entre o corpo d'Ana e o corpo de Pedro. A narrativa pedagógica de Verissimo nos introduz paulatinamente ao clímax da manifestação destes corpos, um através do outro. Em primeiro lugar aparece a repulsa de Ana. Aquele índio sujo a quem queria fazer mal inicialmente se torna, aos poucos, um corpo desejado para Ana. A boca do índio a tocar a flauta provoca embaraço. Ana quer sentir aquela boca, mas algo reprime este desejo: "*Se ele parasse de beijar*". Diz ela confundido as palavras, na verdade ele tocava a flauta. Quisera ela ser o instrumento tocado pelos lábios de Pedro? Algo de animalesco se misturava ao desejo de mulher, algo que lhe causava vergonha, constrangimento. Uma vez mais se manifesta a triste sina do corpo de mulher, um corpo condenado à vergonha de sentir o que se sente. Ao ouvir a música tirada da flauta que os lábios do índio acariciavam era tomada de desejos que buscava logo disfarçar:

Ana estava inquieta. No fundo ela sabia o que era, mas envergonhava-se dos seus sentimentos. Queria pensar noutra coisa, mas não conseguiu. E o pior era que sentia os bicos dos seios (só o contado com o vestido dava-lhe arrepios) e o sexo como três focos ardentes [...] Muitas noites, quando perdia o sono, ficava pensando em como seria a sensação de ser abraçada, beijada, penetrada por um homem. Sabia que eram pensamentos indecentes que precisava evitar (*Ibid*, p. 44).

Ana quer ocultar ou abafar os gritos da carne. Algo lhe diz que isto é indecente. Mas a carne grita mais forte, grita tanto que perturba os pensamentos. A presença do índio, a sua música, rasga em Ana o véu que esconde toda eroticidade, e num piscar de olhos seu corpo grita outra vez:

E agora ali no calor do meio-dia, ao som daquela música, voltava-lhe intenso como nunca o desejo de homem. Pensava nas cadelas em cio e tinha nojo de si mesma. Lembrava-se das vezes que vira touros cobrindo vacas e sentia um formigueiro de vergonha em todo corpo. Mas este formigueiro ainda era desejo. Decerto a soalheira era a culpada de tudo. A soalheira e a solidão (*Ibidem*).

O drama de Ana Terra é o drama de todo corpo de mulher. Corpo outrora castrado, anulado e proibido. Elas podiam dar prazer, mas jamais podiam senti-lo. Caso sentissem deveriam ser tratadas assim como 'cadelas no cio'. A narrativa de Erico Verissimo é uma denuncia contundente contra o desejo negado e reprimido nos corpos de muitas Anas. O mais interessante é que o viés de libertação destes desejos, da revelação deste corpo em toda sua eroticidade é o corpo do Missioneiro que a nosso ver traz toda a carga mística do romance. É ele quem batiza aquele corpo de mulher como 'Rosa mística'. É ele que transforma este corpo em terra fértil a gerar um fruto bendito. No corpo outrora dilacerado de um índio, um estranho radical, o corpo d'Ana por alguns instantes encontrou a paz. E o corpo de Pedro sumira das vistas de Ana assim tão rápido como aparecera. Mas revelou que a paz existe, e que a espera cessa ao menos até que outra espera possa ser engendrada em nosso corpo, em nossa carne, em nosso ventre.

Conclusão

Não nos parece ao certo que conclusão no sentido positivo do termo possa ser possível numa leitura como esta. Contudo, algumas considerações finais podem ser feitas. A primeira delas diz respeito à retomada do que mais nos pareceu impactar nesta tentativa de apropriação da narrativa deste romance. Parece-nos claro que o horizonte permanece aberto e que o corpo d'Ana, através do tripé tempo-vento-terra, permanece

ainda como rica possibilidade de explorar a sensibilidade em Erico Verissimo. Ainda que nossa abordagem teológica tenha tomado formato frágil e mesmo marginal, não consideramos que seja acidental. Pensamos realmente que o corpo d'Ana, tal como o delineamos nesta comunicação apresenta uma rica metáfora para questões emergentes da antropologia e teologia do corpo. O corpo d'Ana, na revelação de sua eroticidade, trás elementos que questionam paradigmas éticos e religiosos ainda poucos contestados como é o caso da relação entre corpo, desejo e espiritualidade.

Referências

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Ed. revista e atualizada. São Paulo: Paulus, 2004.

VERISSIMO, Erico. *Ana Terra*. 35°. ed. São Paulo: Globo, 1994.